

## Investimento Direto Alemão no Brasil

Desde pelo menos o Império o Brasil mantém relações econômicas com a Alemanha. Todavia, é ao longo dos anos 50 que tais relações estreitar-se-iam no âmbito do processo de industrialização brasileira.

Ao longo da segunda metade da década de 90, contudo, o estoque total de Investimento Direto Alemão no Brasil cairia de US\$ 5,8 bilhões em 1995 para US\$ 5,1 bilhões em 2000, segunda dados do Banco Central do Brasil.

Todavia, ainda que os capitais alemães não tenham feito parte do *boom* de investimento direto que o Brasil vivenciou após 1995, os dados mais recentes relativos ao primeiro quadrimestre de 2004 mostram que a economia brasileira voltou despertar a confiança dos investidores alemães. De fato, apenas nos quatro primeiros meses desse ano o total de ingressos de IDE alemão no país é pouco menor do que o total relativo a todo o ano de 2003. Mas o mais significativo é que tais recursos estão direcionados à indústria, em especial à indústria automobilística.

As relações econômicas entre Brasil e Alemanha remontam ao final do século XIX, quando, ainda no Império, em 1867, a *Siemens* instalou a linha telegráfica do Palácio Imperial em Petrópolis até a então província da São Pedro, hoje Estado do Rio Grande do Sul.

As contribuições do capital alemão para o processo de industrialização brasileira passariam a ser mais significativas após a instauração da indústria automobilística no Brasil em meados dos anos 50. As montadoras alemãs trouxeram consigo tecnologias e fornecedores de autopeças que se instalaram no país. Também no setor metal-mecânico a presença alemã tem sido, desde meados do século XX, representativa.

Dessa forma, a composição do Estoque de Investimento Direto Alemão no Brasil está concentrada na indústria de transformação e mesmo durante os anos 90 tal composição setorial pouco mudou. Essa prevalência do setor secundário no capital alemão ganha mais importância quando se recorda que no anos 90 a maior parte dos fluxos de Investimento Direto Estrangeiro (IDE) recebidos pelo Brasil se direcionou para os serviços.

Essa circunstância revela dois pontos: primeiro, o capital alemão não se valeu dos processos de privatização e do *boom* dos fluxos de IDE para o Brasil após 1995. Segundo, o capital alemão tem uma predileção pelo setor secundário, conforme detalharemos adiante.

Todavia, em que pese a perda da oportunidade de investimentos no Brasil após 1995 (o estoque de IDE alemão no Brasil em 2000, de US\$ 5,1 bilhões, era inferior aos US\$ 5,8 bilhões relativos a 1995), os últimos dados disponíveis mostram que o capital alemão vem ganhando força em 2004. De fato, apenas no primeiro quadrimestre desse ano, os ingressos brutos de IDE alemão no Brasil somaram US\$ 498 milhões ante US\$ 506 milhões em todo o ano de 2003. Assim, a Alemanha aparece como o segundo maior inversor na economia brasileira entre janeiro e abril desse ano com 13% do fluxo bruto total no período.

### Boletim da SOBEET

Edição e Redação: Fernando Ribeiro.

Avenida Paulista, 326 - 1º andar  
Conjuntos 15/16 - São Paulo-SP -  
Brasil - CEP 01310-000  
tel/fax: 55 11 287-6987/251-2237  
e-mail: [sobeet@uol.com.br](mailto:sobeet@uol.com.br)  
site: [www.sobeet.com.br](http://www.sobeet.com.br)

A distribuição setorial do IDE alemão entre janeiro e março desse ano (último dado disponível nesse tipo de abertura) mostra que a quase totalidade dos ingressos se orientou para a indústria (99%), e em especial para a indústria automobilística a qual concentrou 91,5% do total (Tabela 1).

**Tabela 1 - Distribuição Setorial dos Fluxos de Investimento Direto Alemão no Brasil (% do Total) 2003, Jan-Mar/2003 e Jan-Mar/2004**

Setores	(% do Total)		
	2003	Jan-Mar/03	Jan-Mar/04
<b>Primário</b>	<b>4,4</b>	<b>24,8</b>	<b>0,3</b>
<b>Secundário</b>	<b>80,2</b>	<b>69,5</b>	<b>99,0</b>
Artigos de Borracha	3,8	9,3	0,3
Máquinas e Equipamentos	7,9	8,4	4,0
Máquinas e Aparelhos Elétricos	2,2	0,0	0,0
Produtos Químicos	33,8	21,1	2,8
Automobilística	20,2	25,2	91,5
<b>Terciário</b>	<b>15,4</b>	<b>5,7</b>	<b>0,7</b>
Intermed. Financeira	4,0	1,6	0,0
Serviços Prestados as Empresas	1,8	1,4	0,1
Comércio Atacaista	2,2	2,6	0,4
<b>Total</b>	<b>100,0</b>	<b>100,0</b>	<b>100,0</b>

Fonte: Banco Central do Brasil . Elaboração: SOBEET.

**PRESIDENTE:** Antônio Corrêa de Lacerda (PUC-SP)  
**VICE-PRESIDENTE:** Maria Helena Zockun (FIPE-USP)

**DIRETORES:** Antonio Prado (Senado)  
 Lia Hasenclever (IE-UFRJ)  
 Lia Valls Pereira (EPGE/IBRE-FGV-RJ)  
 Otaviano Canuto (Ministério da Fazenda - Diretor Licenciado)

**CONSELHO CONSULTIVO:**

Antonio Martins da Cunha Filho (DECEC-BACEN); Armando Castelar Pinheiro (IPEA); Arno Meyer (Ministério da Fazenda); Beny Parnes (Assuntos Internacionais-BACEN); Carlos Eduardo Carvalho (PUC-SP); Carlos Kwall (Citibank/PUC-SP); Carlos Mussi (CEPAL-Brasil); Claudio Frischtak (Inter B); Gustavo Franco (PUC-RJ); Henrique Meirelles (Presidente BACEN) Hermann Wever (Siemens Brasil); João Paulo dos Reis Velloso (INAE); John E. Mein (Consentes); Luciano Coutinho (IE-UNICAMP); Luiz Carlos Bresser Pereira (FGV-SP); Mário Vilalva (Promoção Comercial do Itamaraty); Maurício Mesquita Moreira (BNDES); Octavio de Barros (Bradesco); Regis Bonelli (IPEA); Reinaldo Gonçalves (IE-UFRJ); Renato Baumann (UnB/CEPAL-Brasil); Ricardo Bielschowsky (CEPAL-Brasil); Rubens Barbosa (Embaixador do Brasil em Washington); Rubens Ricupero (Secretário Geral da UNCTAD) Samuel Pinheiro Guimarães (Secretário Executivo do Ministério das Relações Exteriores); Sandra Polónia Rios (CNI); Vera Thorstensen (Missão do Brasil na OMC); Virene Roxo Matesco (EPGE/IBRE-FGV-RJ); Viviane Ventura (CEPAL-Chile); Winston Fritsch (Rio Bravo); Yoshiaki Nakano (FGV-SP)

**Mantenedores**

**SIEMENS**

PINHEIRO NETO ADVOGADOS



Câmara Americana de Comércio  
 American Chamber of Commerce

